



Agenda política

Forças Armadas, Defesa e Política Uma introdução

Ludolf Waldmann Júnior¹

3

A emergência de uma nova ordem internacional, marcada pela hegemonia norte-americana, e a terceira onda de democratização por todo o mundo criaram, ao final do século XX, um grande otimismo quanto ao futuro. Para analistas menos atenciosos, poderia parecer que o estudo sobre guerras e da temática militar tinha perdido certa relevância, passando a ser quase exclusivo a o campo da História. Já que não existiam mais conflitos bélicos graves no horizonte e as novas democracias pareciam se consolidar rapidamente, se afastando das suas experiências prévias autoritárias, em grande parte dos casos com nítido caráter militar.

Não obstante, o mundo se transformou profundamente nas últimas décadas. O terrorismo em nível global, a ascensão de novas e antigas potências (em especial, China e Rússia) à um novo patamar internacional e a crise da democracia tornaram o cenário consideravelmente mais complexo e inseguro. Nos últimos anos, as tensões se elevaram novamente, tanto pela emergência de novas guerras civis na esteira da primavera árabe (notadamente o caso da Guerra da Síria), pelas atitudes mais incisivas

¹ Doutor e mestre em Ciência Política pela UFSCar. Editor-chefe de dossiês temáticos da revista Agenda Política, trabalha com a temática de defesa e militares, com ênfase nos estudos sobre as forças navais. E-mail: ludolfjr@hotmail.com.

das potências em ascensão em suas disputas internacionais (como no Mar do Sul da China e Crimeia) como pelas atitudes mais belicistas e unilaterais tomadas pelo governo Trump.

Esse movimento, por sua vez, vem acompanhado de um crescente protagonismo militar à frente de governos em todo mundo. Na Venezuela, por exemplo, a tumultuosa ascensão do coronel Chávez à presidência indicava um novo padrão das relações civis-militares no país há duas décadas atrás e, hoje, analistas são unânimes em ressaltar a importância das forças militares venezuelanas tanto na manutenção como numa eventual transição do chavismo. No Brasil, por sua vez, o governo Bolsonaro (ele mesmo um ex-capitão do Exército) deu um protagonismo inédito no pós-democratização aos militares no cenário político doméstico, com o maior número de oficiais-generais à frente dos ministérios desde 1985 e uma ampla presença castrense na estrutura burocrática.

Todas estas considerações indicam a validade e atualidade do estudo sobre a guerra, defesa e segurança internacional e a temática militar na Ciência Política contemporânea. De fato, as análises sobre estes fenômenos têm longa trajetória, ultrapassando em muito a recente história desta moderna disciplina acadêmica. A guerra é um dos fenômenos mais antigos e complexos da humanidade, tendo contribuído a moldar todo o percurso histórico, social e político das sociedades afetadas. Assim, não se estranha que os mais diversos pensadores e filósofos desde a antiguidade tenham dado atenção para temas militares.

Maquiavel, por exemplo, foi profundamente marcado pela experiência bélica de sua época – as destrutivas guerras italianas iniciadas com a invasão francesa em 1494 – como também deu grande ênfase, em suas obras, à temática militar. Em *O Príncipe* (2009), o pensador florentino não apenas apontou que, como não havia obrigação legal ou moral na relação entre os Estados independentes, os exércitos tinham um papel fundamental na avaliação do poder dos Estados – algo fundamental para evitar ser atacado ou defender-se adequadamente perante inimigos externos –, como também discorria sobre a natureza desta instituição militar, que deveria ser compatível – e, sobretudo, leal – ao governo estabelecido, evitando desta maneira que o príncipe perdesse seu poder para um adversário interno. Desta maneira, as reflexões

propostas por Maquiavel revelavam duas questões fundamentais: a natureza do sistema internacional e a conseqüente relevância das forças militares como instrumento de poder disponível aos Estados nas suas relações, bem como a importância de se instituir forças armadas adequadas ao regime político, mantendo uma boa e estável relação entre o setor militar e a liderança do Estado.

Esta temática continuou relevante e ocupou um espaço especial nos estudos feitos após a emergência das ciências humanas modernas. As Relações Internacionais, por exemplo, surgiram no contexto do pós-Primeira Guerra Mundial, tendo como ênfase entender como foi possível ocorrer um conflito tão terrível como aquele e como evitar a sua repetição. Se de um lado os liberais-idealistas defendiam que era possível construir um sistema internacional pacífico a partir da criação de órgãos e legislação para mediar as relações entre os Estados, realistas como Morgenthau (2006) e Aron (2002), já no pós-Segunda Guerra Mundial, davam ênfase para a inevitabilidade do conflito provocado pelo choque de interesses. Nesta perspectiva, que focava o poder como elemento essencial para as relações internacionais, as forças militares tinham um destaque especial como instrumento disponível aos Estados, tanto por suas qualidades coercitivas como persuasivas. Desde então, as questões de defesa e segurança, cooperação militar e conflito têm constituído parte significativa da produção acadêmica na área das Relações Internacionais, trabalhadas não apenas por autores dentro da tradição realista como também por aqueles que adotam perspectivas teóricas bastante distintas.

A temática militar também teve um grande impulso, no pós-1945, no próprio núcleo da Ciência Política, com a emergência das chamadas relações civil-militares. A decisão norte-americana de manter um amplo aparato militar mobilizado, no contexto de Guerra Fria, criou preocupações sobre as suas possíveis implicações na democracia do país. Huntington (2002) e Janowitz (1967) foram pioneiros nestes estudos, buscando entender as ramificações deste processo e oferecendo diferentes perspectivas teóricas sobre o assunto. Finer (2006), pouco depois, focou no estudo das relações civil-militares do chamado terceiro mundo, onde golpes e regimes militares se tornaram bastante frequentes. O estudo sobre as relações civil-militares teve um papel

destacado nas primeiras décadas da institucionalização da Ciência Política no Brasil, já que ela ocorreu justamente durante a ditadura militar.

Neste dossiê, os artigos tratam de temas relacionados aos militares, defesa, segurança e política sob distintas perspectivas. Carolina Paula de Souza, pesquisadora da Escola Superior de Guerra e da Escola de Guerra Naval, avalia em *A paz: uma análise comparada* as diferentes abordagens teóricas sobre a paz de Raymond Aron, Emmanuel Kant e Arie Kacowicz, buscando aplicá-las no entendimento das relações bilaterais de Argentina e Brasil desde meados do século XIX. Dando sequência, o trabalho *Do liberalismo ao estatismo: a ideologia pendular da ditadura militar segundo Mário Pedrosa*, de Josnei Di Carlo, da Universidade Federal do Paraná, busca retomar a análise e contribuições de Mário Pedrosa, um crítico de arte e pensador marxista, sobre o golpe militar de 1964. Desta maneira, ele mostra como Pedrosa produziu uma análise que abrangia tanto as considerações mais amplas (como o desenvolvimento capitalista e o papel dos Estados Unidos) como as especificidades da corporação militar e burguesia brasileiras, procurando entender a dinâmica política no pré-1964 e nos anos seguintes ao golpe.

O próximo texto, de autoria de Alexandre Fuccille, professor da Universidade Estadual Paulista, é intitulado *A vacilante atuação brasileira na integração regional: o (o)caso do Conselho de Defesa Sul-Americano*. Nele, o autor discute o papel do Brasil no processo de integração sul-americana, dando ênfase para a atuação do país na construção de mecanismos de cooperação em defesa e segurança regional. Assim, aponta que as ações distintas dos governos Lula, Dilma Rousseff e Michel Temer, destacando as dificuldades e resistências enfrentadas na implementação desta política. Por fim, Camila Risso Sales, professora da Universidade Federal do Amapá, analisa a ascensão internacional brasileira à luz da imprensa estrangeira no artigo *Imagem Internacional do Brasil no Início do Século XXI: percepções sobre a ascensão*. A autora identifica dois momentos em que a mídia internacional via o Brasil como uma potência em ascensão, uma durante a ditadura militar e outra já nos anos Lula. Esta percepção, por sua vez, gerou um correspondente interno, que teve influência nas diretrizes para a política externa e de defesa brasileiras.

Assim, fechamos o dossiê com abordagens teóricas e metodológicas distintas, discutindo diferentes aspectos da complexa relação entre militares, defesa, segurança e política, produzidos por autores de instituições oriundas de várias regiões do Brasil. Uma boa e proveitosa leitura a todos.

Referências

ARON, Raymond (2002). *Paz e Guerra entre as Nações*. Brasília: IPRI/Editora Universidade de Brasília.

FINER, Samuel E. (2006). *The man on horseback*. New Brunswick: Transaction Publishers.

HUNTINGTON, Samuel P. (2002). *The soldier and the State*. Cambridge: Harvard University Press.

JANOWITZ, Morris (1967). *O soldado profissional*. Rio de Janeiro: GDR.

MAQUIAVEL, Nicolau (2009). *O Príncipe*. São Paulo: Martin Claret.

MORGENTHAU, Hans J. (2006). *Politics Among Nations*. New York: McGrall Hill.

7

<https://doi.org/10.31990/agenda.2019.1.0>